

Conferencia dos Países da Europa Ocidental Para a Anistia aos Presos e Exilados Politicos de Portugal

15 e 16 de DEZEMBRO de 1962



*Cartaz de Clovis Graciano para a Conferência
da Anistia.*

BOLETIM N.º 17 — DEZEMBRO

Interrogatório na PIDE

Jorge Araujo que conseguiu evadir-se recentemente dos cárceres da PIDE, descreve-nos abaixo, os processos usados pela gestapo portuguesa, durante o interrogatório que se seguiu à sua prisão:

Fui preso num sábado às 11 horas da manhã. Depois de ter sido violentamente agredido a soco e à coronhada, no ato da captura, conduziram-me à sede da PIDE e, enquanto me revistavam minuciosamente começaram a interrogar-me agredindo-me novamente com socos na cara e no estômago (agente Pinto Ferreira e Coelho da Silva). Para além de me ter identificado resolvi declarar logo de início que me recusava a prestar quaisquer declarações bem como a assinar os autos, momento a partir do qual preferi o silêncio absoluto ante as perguntas que me faziam, algumas manifesta e propositadamente inofensivas. À uma hora da noite recolhi a um calabouço. Só na segunda-feira de manhã me chamaram de novo tendo-me conduzido para o gabinete de investigação. Iniciou-se o primeiro período de estátua que duraria seis dias e seis noites. Durante este período fui agredido a soco e sopápo frequentemente e uma vez com mais violência a pontapé e pelos cabelos (agentes Melo e Fernandes). Na segunda noite deste período o chefe Borges anunciou-me que eu teria uma entrevista importante e levou-me para o gabinete do Diretor. Este apareceu e com toda a "amabilidade" mandou-me sentar e iniciou um longo discurso convidando-me a denunciar dois ou três nomes de Braga e Guimarães, à assinar uma declaração de renúncia às atividades partidárias, oferecendo-me em troca a liberdade dentro de poucos dias. Perante o meu silêncio às suas insistências, irritou-se e acabou por me mandar de novo "para cima" afirmando que eu "perdia a minha melhor oportunidade" e que me ia arrepender quando "lá em cima fôsse obrigado a dizer tudo". Daí em diante os interrogatórios passaram a ser secos.

Durante a quinta noite comecei a falar alto em coisas desconexas (soldadinhos de chumbo a mistura com foguetões) e o agente de serviço ficou assustado e saiu para consulta; os superiores, quando regressou meteu papel na minha boca para um auto e começou a interrogar-me "com afabilidade". Eu fui serenando e compreendi que eles estavam hesitantes eu continuar ali e levaram-me para a cela. Nessa altura já tinha as pernas e os pés muito inchados, mas só na madrugada seguinte resolveram desistir, depois de várias insistências para que falasse, ainda que fôsse apenas a afirmação da minha qualidade de membro do Partido.

Estive no calabouço seis dias e durante esse período tive visita da família que, lá fora, protestava continuamente. Vim a saber que dirigiram protestos ao Ministro do Interior e da Saúde. Minha companheira tem uma carta de resposta dirigida pelo Ministério da Saúde em que se afirma que eu estou bem.

Depois deste intervalo houve nova sessão de "estátua" durante cinco dias e cinco noites. "Desta vez falas mesmo ou vais ali para o cemitério" disseram-me logo à entrada e repetiram-no diversas vezes. Foi de fato mais dura que a primeira pois, enquanto que durante a primeira eu não me encontrava voltado para a parede e podia mesmo dar um ou dois passos de vez em quando, durante este novo período estive quieto, virado para a parede e a um palmo dela. À frente dos olhos colaram um papel com três perguntas ("Quem te controla"; "Onde reunes?" e "A quem se destinava a imprensa encontrada no automóvel?").

As agressões a soco continuaram durante as três primeiras noites deste segundo período depois surgiu o espancamento a cavalo marinho (agentes Melo, Escalreira e J. Fernandes). Fiquei com as costas, ombros e pernas completamente negras. A partir de determinada altura há regiões que deixam de ser muito sensíveis à pancada e eles sabem disso pois começam a insistir nas nádegas e coxas onde as dores são agudas. Durante uma agressão apanhei uma pancada a toda a extensão da região pulmonar e caí ficando com a respiração cortada. O agressor (agente Escalreira) conduziu-me precipitadamente ao lavatório e meteu-me a cabeça debaixo da água. Este agente, muito bruto, disse-me certa vez que ao iniciar a carreira tinha declarado aos superiores que nunca seria capaz de pôr a mão num preso. "Mas a gente habituou-se sabe. Embora a mim me custe muito porque sou católico".

Outro depois de me agredir durante uns minutos parava de repente, atirava para cima da estante o cavalo marinho e lamentava-se de ser obrigado a fazer aquilo. Dizia que tem um filho pequenino e preferia vê-lo esmagado sob um caminhão a saber que mais tarde ele viria a ser comunista. "Não é por nada, sabe. É só por aquilo que eu sei que os comunistas sofrem". Acabava sempre por querer pôr fim ao meu "sofrimento" convidando-me a prestar declarações. Até o próprio médico (Dr. Ulisses) que um dia (na 2.ª ou 3.ª tarde do segundo período) me foi ver por causa de uma "erida que um soco violento do agente Barreira me tinha feito no nariz, me convidou a "comer para poder falar" (desde o fim do primeiro dia que eu resolvi fazer a greve da fome).

Ao quinto dia regresssei ao calabouço. No sexto dia fui ao médico. Pesava 52 kgs. O meu peso normal é de 59/60 kgs. Mesmo assim o médico não achou necessário auscultar-me nem dar-me qualquer fortificante.

Depois só regresssei à investigação para um auto de reconhecimento e mais tarde para o interrogatório final, muito breve. Fim do este interrogatório, à noite, fui pela última vez agredido a soco, com a raiva especial que caracteriza o agente Melo.

Os horrores de Peniche

Apresentamos a seguir um quadro do regime a que são submetidos os presos políticos numa das mais tristemente famosas cadeias da PIDE: a fortaleza de Peniche.

VISITAS — O diretor proíbe visitas em comum. As famílias dos presos devem chegar impreterivelmente no domingo às 13 horas. Um minuto de atraso é o suficiente para que a visita seja anulada. Consoante a disposição desse cerbeiro da PIDE os visitantes podem permanecer no local de duas horas a menos de trinta minutos. E proclama bem alto que quem não quiser não venha! Como a hora é inconveniente, dado o local ermo em que se encontra a fortaleza, alega que "as pessoas de família dos presos podem muito bem levantar-se às 5 horas da manhã para chegar na hora".

Os presos reivindicam duas horas de visita normais; não aceitam a imposição de as famílias terem de chegar às 13 horas; e exigem visitas em comum no Natal, Ano Novo e Páscoa.

ISOLAMENTO DOS PRESOS QUE ESTÃO NAS CELAS — Os presos que chegam permanecem durante dois meses (e a direção já ameaça com seis meses) metidos nas celas, só saindo para as refeições e para meia hora de recreio e hora e meia de convívio numa sala, onde podem conversar, mas é-lhes interdito pedir ou dar qualquer explicação, mesmo simples noções de português, aritmética, etc. Os presos estão isolados quase 20 horas em cada dia. No refeitório não se pode falar e há guardas que até protestam contra simples sorrisos. Os presos reivindicam: mais tempo de convívio na sala, poder falar livremente em tudo o que não for política, poderem ajudar-se nos estudos.

RANCHO — Muito pouco variado; sem vitaminas (ausência de saladas e couves verdes) e muito pouca carne.

PERMUTA DE COMIDA — Os presos não são autorizados a dar comida uns aos outros. Isto é absolutamente imoral, sem qualquer base e intolerável. Os presos mostram disposição para dar tudo por tudo para acabarem com essa prática.

SAUDE — O médico é um velho de mais de 80 anos; incompetente e sem qualquer préstimo. O enfermeiro dificulta como pode os tratamentos. Não há meios de diagnóstico e tratamento, apesar de estarem nesta cadeia mais de 100 presos políticos e 30 a 40 comuns. Nem sequer há um saco de água quente. Levantam muitas dificuldades a dar dieta, tendo o diretor chegado a dizer que "Isto aqui não é hotel. Quem fosse doente não se metesse em política".

CENSURA AOS JORNAIS — Chegam a vir aos bocados e já cortados totalmente. Os presos querem que acabe a censura.

GUARDAS — São (fora raros casos) incorretos com os presos, estando sempre a implicar e provocar em obediência a orientação superior do chefe e diretor. Este berra insulta e ameaça os presos que vão falar com ele.

Os presos procuram o diretor mas ele diz a tudo que não, procurando dividir e intimidar. A situação agravar-se-á se os presos não lutarem e as famílias e povo os não ajudarem. Os presos não estão dispostos a tolerar o agravamento da situação e irão para formas de luta mais enérgicas e superiores na medida em que a direção diz a tudo que não e faz novas exigências. Como a das visitas estarem na Fortaleza às 13 horas. Esta imposição não deve ser aceite e as famílias e todas as pessoas simples devem protestar em conjunto, pois só assim é possível fazer recuar a PIDE.

Segredos de Caxias

Um dos piores presídios portugueses é, como se sabe, o de Caxias. Ai, os chamados "segredos", onde os presos são mantidos incommunicáveis, não passam de antros imundos, subterrâneos, sem luz natural, sem ar e com uma taxa de humidade tão elevada que o vapor, condensando-se, faz pequenas poças. Bastam poucas horas para que os alimentos, o tabaco e até os fósforos apodreçam. Num desses "segredos" um preso cujo nome se desconhece gravou na parede a seguinte quadra: UM HOMEM SÓ NO SEGREDO / SABE UM SEGREDO PROFUNDO / NUNCA ESTÁ SÓ NEM TEM MEDO / QUEM AMA OS HOMENS E O MUNDO.

Adelino Simões

Preso em Julho último pela polícia sul-africana, continua em estado de rigorosa incommunicabilidade, na cadeia da PIDE de Lourenço Marques o jovem democrata Adelino Simões. Segundo notícias recentes, há todos os indícios de que Adelino Simões está sendo submetido a sevícias, receando-se mesmo a sua transferência para Lisboa, o que, a dar-se, significará grave perigo para a sua vida. Denunciamos às consciências democráticas do mundo inteiro o crime cometido contra a liberdade daquele compatriota, uma das primeiras vítimas de raça branca da sombria aliança do regime nazi de Verwoerd com as autoridades colonialistas de Moçambique. Com efeito, até há pouco tempo, essa aliança policial era apenas orientada contra elementos de cor, entre os quais foram feitas inúmeras vítimas.

Apoio financeiro á Conferencia

Aproxima-se a data, 15 e 16 de Dezembro, em que se iniciará em Paris a Conferência dos Países da Europa Ocidental para a Anistia aos Presos e Exilados Políticos Portugueses.

Ainda estão a tempo os portugueses e brasileiros que não contribuíram, de nos enviarem os seus donativos ou de os remeterem directamente para o Secretário Internacional da Conferência, sr. Daniel Vidal, 3, Rue des Pervenches — à Bagneux — Seine — France.

Do valor total recolhido desde o início foram remetidos para o Secretário Internacional da Conferência, Cr\$ 1.047.500,00 que juntamente com as despesas e o saldo em Caixa de Cr\$ 3.820,00 perfaz o valor global de Cr\$ 1.194.684,00, recebido até esta data.

A Comissão para a Anistia, uma vez mais lança o seu veemente apêlo a todos os portugueses e brasileiros para que, solidarizando-se com os milhares de patriotas encarcerados nas masmorras de Salazar, ajudem a Conferência de Paris a ter o êxito que todos os verdadeiros democratas desejam. O caminho que leva à concretização desse objetivo, é o indicado pelos nomes que abaixo mencionamos.

MAPA DEMONSTRATIVO DO MOVIMENTO FINANCEIRO DE AJUDA A CONFERENCIA DE PARIS

<u>ENTRADAS</u>	Cr\$	<u>SAIDAS</u>	Cr\$
Transporte do n.o anterior	1.115.434,00	Transporte do n.o anterior	1.070.615,00
Novos donativos		Despesa com remessa do livro "9	
Jaime Sabino	6.000,00	Poemas", de Carlos Maria de	
José da Costa Bastos	5.000,00	Araújo, para M. Daniel Vidal,	
Eugenio Mercês	15.000,00	Sec. do Comité Internacional.	
Venda de três cinzeiros (oferta		(Doc. n.o 14. anexo)	1.168,00
à Comissão)	1.200,00	Correspondência e telegramas,	
Cesar Teles	2.000,00	conf. Doc. n.o 15, anexo	4.081,00
Luso Canadian Democratic Com-		Remessa para M. Daniel Vidal,	
mittee, entregue por intermédio		Secretário do Comité Interna-	
General H. Delgado	22.700,00	cional, feita em 28-11-62, con-	
A. Lemos, entregue por General		forme Doc. n.o 16, anexo. (Va-	
H. Delgado	10.000,00	lor equivalente a USA\$ 100) ..	52.000,00
Elementos MNI e Associação H.		Remessa para M. Daniel Vidal,	
Delgado, do Rio, entregue por		Secretário do Comité Interna-	
General H. Delgado	3.300,00	cional, feita em 28-11-62, con-	
João Correia	3.000,00	forme Doc. n.o 17, anexo. (Va-	
J. M. A. Soares Guedes	1.000,00	lôr equivalente a USA\$ 88,98)	63.000,00
José Julio Carneiro	5.000,00	Total saído	1.190.864,00
Fernando Ramos	2.000,00	Saldo em Caixa	3.820,00
Antonio Fonseca	2.000,00		
Venda de flâmulas alusivas à			
Conf. Paris	1.050,00		
Total recebido	1.194.684,00	Total	1.194.684,00

São, Paulo 28 de Novembr ode 1962.
Pela Comissão Executiva e Comissão para a Anistia da U.D.P.

Manuel Sertório, João Tito de Moraes, Miguel Urbano Rodrigues Engenheiro, Tito de Moraes, Augusto Aragão, Antonio Fonseca, Lé-nine Alexandre, Helder Costa, Joaquim Quitério.

Tesoureiro da Comissão
Alexandre Pereira

A PIDE e o SNI tentam "justificar" o terror policial

Uma das características da onda de repressão ultimamente desencadeada em Portugal é a insistência com que as autoridades fascistas procuram justificar o terror policial. Ao contrário do que acontecia nos tempos aureos do fascismo, a PIDE envia à imprensa, por intermédio do Secretariado Nacional da Informação, extensos comunicados sobre as prisões verificadas no visível mas ridículo propósito de persuadir a opinião pública de que em cada caso existe um fundamento jurídico para as violências e arbitrariedades praticadas. Na realidade trata-se de uma prova de fraqueza. O fascismo ainda pode prender e torturar patriotas, mas não se sente já com a força suficiente para esconder da opinião pública a totalidade dos seus crimes. Procura explicá-los. Dentro desse propósito dá à luz comunicados de uma estupidez total.

A tecla básica é a mesma de sempre: a PIDE agita o espantinho do comunismo como hidra de sete cabeças. Não perceberam ainda os luminares da Rua Antonio Maria Cardoso que agindo desse modo, apenas conseguem impor ao respeito e à admiração do povo os patriotas que caem nas suas garras, uma vez que os "crimes" destes, aos olhos do homem da rua se constituem em atos de puro heroísmo, na luta contra a ditadura fascista e pela restauração das liberdades fundamentais.

Para que os nossos leitores possam fazer uma idéia do estilo desses comunicados damos abaixo, algumas passagens de um deles, divulgado pelo SNI e publicado pelos principais jornais de Lisboa e Porto no dia 10 de outubro:

"O chamado "Partido Comunista Português" persistindo nos seus propósitos de provocar e desenvolver intranquilidade e agitação no país, procurou desvirtuar e perturbar as comemorações que é costume efetuarem-se em 5 de Outubro, preparando manifestações de caráter subversivo, com o apoio e colaboração de órgãos da mesma feição e finalidade — as denominadas "juntas de ação patriótica". Em alguns manifestos distribuídos e através da emissora de Moscovo convidavam-se todos esses elementos à agitação.

A Polícia Internacional e de Defesa do Estado, conhecedora dos preparativos que o citado "partido" estava levando a efeito, referenciou e localizou um certo número de "membros" daquelas organizações clandestinas, que se propunham atuar por meios violentos, em ação direta nas ruas. Da ação policial resultou a apreensão de apreciáveis quantidades de manifestos e a prisão, pela atividade desenvolvida e posição de responsabilidade na direção atuante, dos seguintes indivíduos: Aquilino dos Santos Mourinho operário corticeiro, que utilizava a falsa identidade de João da Silva Moraes; João Lourenço Rodrigues, empregado de escritório — ambos funcionários do "partido"; Francisco dos Santos

Vaz, motorista de praça; José Maria Gomes, carpinteiro; Salvador Duarte Martins Correia, operário corticeiro; Adelino José Cabrita, pedreiro; Antonio dos Santos Lopes, motorista; Vitor Pires Vieira, motorista dum serviço público; José Duarte Cruz da Silva, servente dum serviço público; e Fernando da Silva Santos, serralheiro dum companhia de petroleos.

Mas não termina aí o comunicado da PIDE. O fecho é de antologia, confundindo alhos com bugalhos. Ei-lo:

Foi também preso o pintor Nikias Ribeiro Scapinakis, que se encontrava em liberdade sob caução, arbitrada pelo tribunal por atividade contra a segurança do Estado, tendo-se agora apurado ser "membro" do citado Partido Comunista e um dos organizadores das "juntas" de ação patriótica.

Salva a vida de Candida Ventura



Os presos de Caxias acabam de alcançar uma grande vitória, vendo atendida uma das reivindicações em que se vinham empenhando. Candida Ventura uma patriota a quem "Portugal Democrático" se tem referido numerosas vezes foi agora internada numa clínica médica na sequência da campanha desenvolvida por seus companheiros de prisão, pelas famílias e por muitos outros portugueses. Aquela corajosa democrata vinha sofrendo de perturbações nervosas em consequência dos maus tratos que a PIDE lhe infligira.

Apelo a favor de N. Skapinakis

Em França e Itália está sendo desenvolvida uma campanha para a libertação de Nikias Skapinakis, a que o Brasil começa a associar-se. É a seguinte a tradução do apelo que corre impresso naqueles países da Europa:

"O pintor Nikias Skapinakis, um dos melhores artistas plásticos portugueses da atualidade, antigo candidato da Oposição Democrática nas eleições legislativas, membro da comissão de Redação da revista portuguesa SEARA NOVA (de tendências socialistas) e da revista ARQUITECTURA, um dos signatários do PROGRAMA PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DA REPÚBLICA (documento assinado por uma centena de líderes anti-salazaristas, durante uma conferência de imprensa, em Maio de 1961), foi preso em fins de Novembro, pela PIDE; submetido a interrogatórios brutais pelos carrascos da PIDE (a GESTAPO portuguesa), a sua vida está em perigo.

Como consequência da perseguição policial Nikias Skapinakis tinha pedido asilo político no princípio da ano corrente, à embaixada do Brasil. Passaram-se cerca de seis meses sem que o governo português admitisse o asilo e, por conseguinte, autorisasse a saída do país. Por fim, como resultado de diligências do embaixador brasileiro, sr. Negrão de Lima, a polícia política portuguesa declarou não ter contra ele nenhum motivo para encarceramento, salvo se ter assinado o PROGRAMA PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DA REPÚBLICA, Nikias Skapinakis pagou, assim, uma caução de 4.500 escudos para poder deixar, em liberdade, a Embaixada do Brasil. Esta aparente COMPREENSÃO do governo salazarista era, no entanto, uma armadilha da PIDE. Dois meses mais tarde, Skapinakis foi preso de novo (tal como sucedeu também a um outro asilado político que saíra da Embaixada do Brasil ao mesmo tempo que N. S., o escritor Alfredo Margarido) sob a falsa acusação de pertencer ao Partido Comunista e de ter participado na organização das manifestações previstas para 5 de Outubro o que lhe dá fraca possibilidade de rever o sol da liberdade.

Nós apelamos para a solidariedade mundial dos artistas, pintores, críticos de arte e escritores.

NOTA: Nikias Skapinakis nasceu em Lisboa em 1931. Ele é considerado um dos melhores pintores portugueses (8 exposições individuais e participação em numerosas exposições coletivas quer em Portugal quer no estrangeiro; as suas obras figuram em diversos museus). Ilustrou a edição especial de "QUANDO OS LOBOS UIVAM", de Aquilino Ribeiro, candidato português ao Prémio Nobel (esta edição foi apreendida pela polícia política portuguesa). Como professor no Liceu Francês de Lisboa, ocupou-se de problemas pedagógicos e de formação artística.

PAGINA 6

Manuel Serra barbaramente torturado

A maioria dos presos ligados ao levante de Beja continua no Forte de Caxias. Ocupam seis cubículos onde mal cabem, à razão de 10 a 12 pessoas em cada um. Figuram no grupo vários oficiais do quadro, incluindo um major e nenhum escapou à tortura nas semanas subsequentes aos acontecimentos do Ano Novo em Beja. Há presos com timpanos furados, outros com graves doenças nervosas e perturbações mentais causadas pela tortura.



O líder católico MANUEL SERRA

Foi especialmente contra o dirigente católico Manuel Serra que a PIDE se encarniçou. Levado logo após a sua prisão para a sede da PIDE em Lisboa, foi aí mantido durante vinte dias não lhe sendo permitido um minuto de sono nos primeiros 13. Nos últimos sete, o regime de estátua foi suavizado: deixaram-no ao todo dormir 24 horas. Nos primeiros 40 dias foi "interrogado" 32 vezes e espancado 13 a murro, pontapé, com uma cadeira e com cassetete de borracha. Numa das mais prolongadas sessões os esbirros policiais levaram o seu requinte ao ponto de o espancar algemado com um adesivo colado sobre a boca. Dessa vez rasgaram-lhe o couro cabeludo deixando-o completamente ensanguentado. O período de incomunicabilidade manteve-se por cerca de cinco meses e meio com uma única exceção em que lhe permitiram ver a mãe. A leitura foi-lhe terminantemente proibida durante quatro meses, inclusive a Bíblia. Até assistência religiosa lhe negaram. Os primeiros dois meses foram passados num "segredo" de Caxias, sendo dali transferido para o Aljube. Em junho passado foi devolvido a Caxias...

« Amnistie au Portugal »

O Comitê de Iniciativa da Conferência dos Países da Europa Ocidental para a Anistia aos Presos e Exilados Políticos Portugueses editou em Paris, nas vésperas da inauguração do importante conclave o 3.º numero do Boletim AMNISTIE AU PORTUGAL.

Além do apelo à opinião mundial em favor da Conferência, lançado pelo Secretariado Internacional a 18 de outubro, o Boletim insere variado noticiário sobre a última onda de prisões desencadeada em Portugal e o texto integral do relatório apresentado pela missão de informação que, por incumbência do Secretariado, se deslocou a Portugal em junho, ali permanecendo entre os dias 17 e 24. O documento divide-se em tres partes: um preambulo, da autoria do sr. Daniel Vidal, secretario do Comité Frances; e dois relatórios: o do dr. Adrien Wolters, advogado belga, e o de Mrs. Helen Ward, secretaria do Comité Ingles. O conhecido jurista belga apresenta os resultados do inquerito a que procedeu em Portugal, ocupando-se de quatro aspectos principais: os processos políticos, o fundamento legal da repressão, o desenvolvimento do processo politico, e as condições de trabalho dos advogados na missão de defesa dos inculpados politicos. Mrs. Helen Ward trata do regime a que estão submetidos nos presidios fascistas portugueses os presos politicos e ocupa-se, caso por caso, da situação dos seguintes patriotas encarcerados pela PIDE: Albina Fernandes, Natalia David, Elvina Ferreira, Carlos Costa, Euric de Figueiredo, Noemia, Maria Luisa Costa Dias, Maria Angela Vidal, Julio Martins, Humberto Lopes, Ribeiro da Silva, Varela Gomes, Mario Araujo, Alberto Proença, Manuel Costa, Maria Carneiro de Sá, Mario Victor Sena Lopes, Manuel Rodrigues da Silva, Artur Cavaco, Franco de Sousa, Manuel Pedra, Rolim Mautempo, Aida Paula, Ivone Dias Lourenço, Julieta Gandara, Maria José Ribeira. Mrs. Ward refere-se também

ao caso do bispo do Porto, proibido por Salazar de regressar a Portugal, ocupa-se largamente do caso do advogado dr. Arlindo Mesquita, presentemente em liberdade, e apresenta uma lista de patriotas torturados apos a sua prisão em maio passado: Olimpia Bias, Maria Galveias, Rosette Campos, Vitoria do Carmo, Custodia Chibante, Domingas Ferreira, Noemia O'Neil, Madalena Castanho e Alcina Maia.

UM NOVO APELO CORRERÁ MUNDO



Esta mão, e este apelo, serão vistas muitas vezes, em muitos lugares pelos democratas portugueses.

M. Rodrigues da Silva

Em fins de outubro terminou mais um período de "medidas de segurança" para um patriota preso: M. Rodrigues da Silva. A família movimentou-se e o advogado pediu a sua libertação. A PIDE exigiu em resposta a indicação de um fiador que se responsabilizasse pela "habitação e manutenção" daquele democrata. No momento em que escrevemos, desconhece-se ainda no Brasil se M. Rodrigues da Silva foi posto em liberdade ou se a PIDE continua a retê-lo nos seus lóbregos cárceres.

**APOIAI E AJUDAI A PRIMEIRA
CONFERENCIA DOS PAISES DA
EUROPA OCIDENTAL PARA A
ANISTIA AOS PRESOS E EXILADOS POLITICOS DE PORTUGAL.**

Enviai adesões, donativos ou quaisquer outras contribuições para a Rua Conselheiro Furtado, 191, S/2, Caixa Postal 4469 — S. Paulo.

A Conferencia de Paris

Reunião preparatória

Durante uma reunião realizada em Paris, e que participaram os representantes dos Comitês Nacionais da Itália, França, Bélgica e Inglaterra e observadores portugueses, foram tomadas importantes decisões sobre a Conferência dos Países da Europa Ocidental para a Anistia aos Presos e Exilados Políticos Portugueses.

Após ampla troca de impressões e leitura dos relatórios apresentados, chegou-se a acôrdo sobre os seguintes pontos:

I — Competirá ao Secretariado Internacional inaugurar a Conferência, ficando a seu cargo a alocação de abertura.

II — O Comitê Italiano apresentará o relatório referente aos objetivos e ao tema da campanha para a Anistia.

III — O Comitê Ingles submeterá ao plenário o relatório sobre a situação dos presos políticos, suas condições de vida, perigos que os ameaçam e às respectivas famílias.

IV — O Comitê Belga, apresentará o relatório jurídico.

V — Os observadores portugueses tomam a seu cargo a elaboração do relatório sobre a situação social e política em Portugal.

VI — O Comitê Frances elaborará as conclusões, com base no trabalho das várias comissões.

O Secretariado Internacional reunir-se-á nas vésperas da Conferência, a fim de estudar os relatórios e elaborar uma primeira lista de resoluções a propor ao Plenário.

Cada Comitê deverá custear as despesas da sua própria delegação. Quanto aos gastos da preparação da Conferência, o Secretariado Francês comprometeu-se a cobri-los com o produto da exposição de quadros de artistas brasileiros que se deve realizar brevemente em Paris.

Participaram da reunião, além dos observadores portugueses, as seguintes personalidades: srs. Mecchini e De Angelis pela Itália; sras. Ward e Dyhole, pela Inglaterra; dr. Herscovici pela Bélgica; sra. Colette Ka'n, drs. Solangi Bouvier-Ajam, Supervielle e Leclerc, e srs. Salanno, Ballanger, Gêhodes, Leroy e Daniel Vidal, pela França.

Apoio financeiro do Uruguai

O Comitê Uruguai de apoio à Conferência de Paris tornou já publicas as contas da campanha de recolha de fundos em beneficio do importante conclave. O total das contribuições recebidas ascendeu a 1.500 pesos uruguaios, que equivale a mais de 250.000 cruzeiros. Para esse excelente resultado financeiro, o Comitê dos Portugueses Antifascistas contribuiu com 160 pesos, e o Festival da União das Mulheres portuguesas com 232.

Duas mensagens dos democratas portugueses de Paris

Democratas portugueses, reunidos em Paris no almoço comemorativo da Revolução de 5 de outubro de 1910, enviaram expressiva mensagem ao Comitê francès para a Conferência dos Países da Europa Ocidental para a Anistia aos Presos e Exilados Políticos Portugueses. Agradecendo a campanha desenvolvida em todo o mundo a favor das vítimas do fascismo salazarista os signatários salientam que a solidariedade internacional das nações democráticas para com o povo português é um elemento essencial na luta pela sua libertação.

No decurso da mesma reunião, foi também enviada uma saudação aos presos políticos "que sofrem a repressão cega e brutal da ditadura fascista de Salazar".

Novas adesões

CELSE PEREIRA DE LIMA, Professor — MIRIAM ASFORA, Func. Universidade da Paraíba — ARMINDA ASFORA, Domestica — RAYMUNDO ASFORA, Deputado estadual da Paraíba — ANNA MARIA ASFORA, Universitária — FRANCISCO ASFORA, Líder sindical — GERALDO FERNANDES, Estudante — MARIA DO SOCORRO ARAGÃO, Tabela Pública — INEZ MARIA SILVEIRA PEIXOTO, Professora — MARIO PEDROSA, Professor Universitário — CAIO GRACO PRADO, Editor — PAULO EMILIO GOMES DOS REIS, Engenheiro — A. GOMES DE ABREU, Arquitecto — MOACYR FELIX, poeta — A. PINHEIRO JR. jornalista — ALDO SILVA ARANTES, Presidente da União Nacional dos Estudantes — WALDEMAR SALLES, Advogado — JORGE SILVEIRA MARTINS, Advogado — LÉLIO JOFILLY PEREIRA DA COSTA, Químico — ODIMAR AGRA, Advogado — OLIVEIROS OLIVEIRA, Industrial — AGENOR PESSOA DE AZEVEDO, Comerciante — AGNELLO JOSÉ DE LIMA, Advogado — LOURIVAL SANTOS, Comerciante — KLEBER CRUZ MARQUES, Professor — JOSÉ MARIA DE CASTRO, Estudante — HENRIQUE DE MELO, Estudante — CLENEIDE CLEMENTE, Estudante — JOSÉ DA SILVA QUIRINO, Universitário — PEDRO CAVALCANTI CERQUEIRA, Universitário — FERNANDO LUIZ ALMEIDA CASTRO, Universitário — HUGO DE ALMEIDA, Estudante — LUIS ANDRADE, Estudante — GABRIEL VELOSO, Estudante — ABELARDO CAMINHA, Estudante — JOSÉ M. MAIA, Estudante — DARCI CORDEIRO, Estudante — JOSÉ GONÇALVES, Bancário — JOSUÉ NESTOR DA SILVA, Vice-presidente da União Brasileira de Estudantes Secundários